

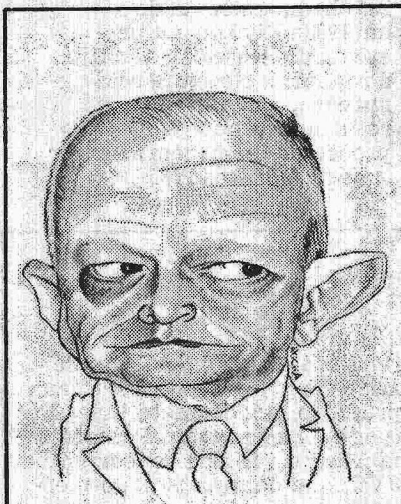
Sucessão pede solução rápida

Olacyr de Moraes

A ineficiência e o empirismo do governo fazem cair por terra tudo que entre os empresários é entendido como lei natural do mercado. Se a empresa está em dificuldades, aumentamos a carga de trabalho, cortamos gastos e buscamos novos mercados. O governo faz exatamente o contrário. Com isso, conduz o País à hiperinflação, que representa a falência das instituições e a miséria. Temos de evitá-la com medidas firmes e corajosas, já que o pacto social me parece moribundo.

A semente da crise atual foi plantada pela visão demagógica de grande parte de nossos políticos, que pregaram na Constituinte mais horas de lazer e menos trabalho. De outro lado, não adianta simplesmente lamentar, pois a política que temos é essa aí instalada. O Brasil sofre, atualmente, de um mal bastante grave: a falta de credibilidade do governo. Mesmo que os dirigentes do País surjam com uma solução brilhante para os nossos problemas, a primeira atitude é de repúdio generalizado. Temos, entretanto, de fazer reverter esse descrédito e, por mais essa vez, dar um voto de confiança ao governo.

Dentro de três meses, não se ouvirá outra coisa senão sucessão presidencial. E, como a



“Não há prioridade social que resista a uma situação econômica caótica, como a atual”

tendência é que a partir daí qualquer outro assunto seja protelado, se nada for feito no curto prazo, a inflação ficará ainda mais descontrolada. O governo sabe o que e quanto cortar, mas está submetido a pres-

sões políticas. O momento, porém, exige da classe política uma reflexão: não há prioridade social que resista a uma situação econômica caótica. Não podemos continuar com 30/35% de inflação mensal e com o governo como único tomador de recursos, concentrando toda a poupança e a desperdiçando em gastos absurdos. Devemos reduzir a participação do governo na economia, hoje em torno de 70%, e estimular os investimentos do setor privado, com a garantia de regras mais estáveis.

Em 1988, o PIB brasileiro teve crescimento zero, enquanto países asiáticos sem base industrial conseguiram uma expansão de 10%. Nossa situação provoca um constrangimento cada vez maior diante do resto do mundo. Somos os maiores devedores e fechamos o ano com crescimento zero. É preciso entender que somos todos responsáveis por esses resultados: os políticos, por não compreenderem o momento econômico e agirem de forma demagógica; os empresários, por não entenderem que o mercado interno depende da elevação do poder aquisitivo da população; e o governo, que insiste na manutenção de seu tamanho.

Olacyr de Moraes é agricultor e preside o grupo Itamaraty